

EU VOU APOIÁ-LA(S) POR QUANTO TEMPO PUDER: A PÓSTUMA DEFESA DAS MULHERES DE JANE AUSTEN

Maria Clara Pivato BIAJOLI*

- **RESUMO:** O presente artigo analisa passagens selecionadas dos romances *Northanger Abbey* e *Persuasion*, da escritora inglesa Jane Austen, publicados em uma edição conjunta após sua morte, em 1817, para refletir sobre a mesma questão em ambos: a defesa das mulheres. No primeiro romance, Austen faz questão de se inserir em uma tradição literária composta por escritoras quando empreende sua famosa defesa do romance moderno, porém seu alinhamento é imediatamente apagado na nota biográfica escrita pelo irmão Henry Austen que acompanha a edição, e posteriormente o apagamento é reforçado com a biografia escrita pelo seu sobrinho James Edward Austen-Leigh, de 1870, ambos os textos tendo grande impacto na crítica literária de suas obras até o advento dos estudos feministas. No segundo romance, Austen efetua uma comparação entre sua heroína, Anne Elliot, e a personagem do Capitão Benwick para questionar a concepção de que as mulheres são física e emocionalmente mais frágeis que os homens e, por isso, mais inconstantes. Dessa forma, mostraremos que a justaposição de dois romances produzidos com uma grande diferença temporal entre eles acaba por iluminar uma constante na obra de Austen: as mulheres ao centro, apesar de seus erros.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Defesa. Jane Austen. Mulheres. *Northanger Abbey*. *Persuasion*.

Quando a escritora inglesa Jane Austen morreu, em julho de 1817, deixou *dois manuscritos que ainda não tinham sido enviados para publicação*. O primeiro havia sido escrito quase vinte anos antes como uma paródia aos romances góticos. Na época chamado de “Susan”, Austen conseguira vendê-lo a um editor, Crosby & Co., que nunca publicou o livro, frustrando muito a autora. Passados treze anos, Austen comprou “Susan” de volta em 1816 e, ao que tudo indica, estava tentando prepará-lo para publicação com o título provisório de “Catherine”. A última menção a esse manuscrito foi feito em uma carta à sobrinha Fanny Knight em 13 de março de 1817, na qual ela diz: “Miss Catherine is put upon the shelf for the

* UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas – Instituto de Ciências Humanas e Letras – Departamento de Letras – Alfenas, Minas Gerais, Brasil. maria.biajoli@unifal-mg.edu.br.

present, and I do not know that she will ever come out; but I have a something ready for publication, which may, perhaps, appear about a twelvemonth hence” (AUSTEN, 2014, p. 348)¹. O segundo manuscrito, também mencionado nessa carta, era “The Elliots”, um romance que Austen finalizara meses antes e que, por ainda não o ter enviado ao seu editor, conjectura-se se ainda passaria por revisões. Após a morte da autora, seus irmãos, Cassandra e Henry Austen, decidiram enviar ambos os manuscritos para serem publicados com diferentes títulos escolhidos por eles (se haviam sido considerados anteriormente pela própria Austen, não sabemos). Assim, no final de dezembro de 1817 (1818 na capa), saiu a edição conjunta de *Northanger Abbey* (“Catherine”) e *Persuasion* (“The Elliots”), os dois últimos romances de Jane Austen a serem publicados. Artificialmente agrupados dessa forma, esses dois romances têm em comum uma discussão rica a respeito da literatura da época, do leitor e da leitura. O que destacarei aqui, porém, é a defesa das mulheres, tanto como autoras quanto como personagens, que encontramos em ambos.

Northanger Abbey e a tradição literária feminina

No capítulo cinco de *Northanger Abbey*, o narrador interrompe a história para defender a prática de suas personagens de ler romances, um pequeno manifesto já muito analisado pela crítica literária por ser uma resposta contundente ao debate a respeito da ascensão e da recepção desse gênero naquele período². Gostaria de chamar a atenção, contudo, para um detalhe na passagem a seguir, em que a marcante ironia de Austen se volta não só para os detratores do romance, mas também à prática comum entre seus próprios leitores de ecoar a condenação do gênero e de esconder sua leitura:

*“I am no novel reader; I seldom look into novels; do not imagine that I read novels; it is really very well for a novel”. Such is the common cant. “And what are you reading, Miss ___?” “Oh, it is only a novel!”, replies the young lady; while she lays down her book with affected indifference, or momentary shame. “It is only Cecilia, or Camilla, or Belinda”.*³ (AUSTEN, 2006a, p. 31)

¹ “Miss Catherine está na prateleira por ora, e eu não sei quando ela vai sair de lá; mas eu tenho algo pronto para publicação, o qual pode, talvez, aparecer daqui a um ano” (todas as traduções são da autora do artigo).

² Ver, por exemplo, VASCONCELOS, S. G. **A Formação do Romance Inglês**. Ensaios Teóricos. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; FAPESP, 2007.

³ “‘Eu não sou um leitor de romances, eu raramente leio romances, não imagine que eu leia romances, é até muito bom para um romance’. Esses são o jargão comum. ‘É o que está lendo, Miss ___? Oh, é somente um romance!’ responde a jovem, enquanto coloca de lado seu livro com indiferença afetada ou vergonha momentânea. ‘É somente Cecilia, ou Camilla, ou Belinda’”.

Dado o controle cuidadoso de Austen com sua escrita⁴, não podemos ignorar que os títulos acima, abandonados rapidamente com indiferença fingida ou embaraço por uma jovem leitora, foram conscientemente escolhidos como exemplos de romances a serem defendidos. *Cecilia* (1782) e *Camilla* (1796) são duas obras da escritora inglesa Frances Burney, e *Belinda* (1801) foi escrito pela irlandesa Maria Edgeworth. Apenas algumas linhas antes dessa passagem, Austen havia definido o romance como a obra em que “*the greatest powers of the mind are displayed, in which the most thorough knowledge of human nature, the happiest delineation of its varieties, the liveliest effusions of wit and humour, are conveyed to the world in the best chosen language*”⁵ (AUSTEN, 2006a, p. 31). É muito significativo que ela incluía apenas romances escritos por mulheres como exemplos tanto desse gênero literário de grande qualidade quanto como daquelas obras vítimas de um desdém absurdo, fingido ou não. Austen se posiciona, portanto, propositalmente ao lado de outras escritoras, predecessoras ou contemporâneas à sua obra, e quando ela exclama, ainda nessa defesa do romance, “*Let us not desert one another*”⁶ (p. 30), parece possível ouvir um apelo às romancistas e também, por que não, às suas leitoras. Como afirma Rachel Brownstein (1994, p. 86), até a opção de Austen por publicar seus romances sob a assinatura de “*By a Lady*” é uma declaração não só de sua classe, mas de seu gênero, iluminando sua posição como **mulher** escritora, algo deliberadamente ambíguo nos pseudônimos de Curren, Ellis e Acton Bell, ou negado em George Eliot. No caso de *Northanger Abbey*, ela ainda fez uma alteração posterior no texto para marcar seu pertencimento a esse grupo⁷.

Tal alinhamento, porém, foi apagado pela sua família nas biografias produzidas a seu respeito no século XIX. Já na primeira edição de *Northanger Abbey* e *Persuasion*, Henry Austen incluiu um prefácio que revelava finalmente a identidade de sua irmã para seu público leitor, o “*Biographical Notice of the Author*”. Apesar de declarar que “*A life of usefulness, literature, and religion, was not by any means a life of event*” (AUSTEN, 2002, p. 137)⁸, Henry Austen

⁴ Ver, por exemplo, no estudo de Kathryn Sutherland *Jane Austen's Textual Lives* (2005), sua análise dos poucos manuscritos sobreviventes de Austen, em que ela mostra como as revisões da autora em seus textos eram constantes e buscavam aprimorar a relação entre a linguagem e o conteúdo.

⁵ “[...] os maiores poderes da mente são apresentados, e na qual o mais completo conhecimento da natureza humana, a mais feliz delineação de suas variedades, a mais viva efusão de espírito e humor, são trazidas para o mundo na mais seleta linguagem”.

⁶ “Não vamos abandonar uns aos outros”. Ou, no caso, talvez “umas às outras”.

⁷ De acordo com uma anotação de Cassandra Austen, *Northanger Abbey* teria sido escrito entre 1798 e 1799. O manuscrito provavelmente foi alterado quando Austen tentou publicá-lo em 1803 e novamente depois de 1816, porém é impossível determinar precisamente quando ela incluiu as referências à Burney e Edgeworth. Se em 1816, tal inserção é ainda mais interessante, porque nesse momento Austen já era uma escritora publicada, fortalecendo seus laços com suas colegas romancistas.

⁸ “Uma vida de utilidade, literatura e religião não foi de nenhuma maneira uma vida de eventos”.

precisava trazer informações a respeito da irmã, mesmo que, pelos seus parâmetros, a vida dela não tivesse sido marcada por eventos memoráveis – a despeito da sua publicação de quatro romances. Para tentar explicar como isso veio a acontecer, detalhes da educação de Austen são apresentados para garantir que o público tivesse uma imagem “correta” a seu respeito. Ressaltando o papel da família, em especial do pai, Reverendo George Austen, que teria influenciado a filha com seu gosto refinado pela literatura “apropriada”, Jane Austen teria se tornado uma leitora de obras respeitadas pelo público e crítica daquelas obras mais “grosseiras”:

*Her favourite moral writers were Johnson in prose, and Cowper in verse. It is difficult to say at what age she was not intimately acquainted with the merits and defects of the best essays and novels in the English language. [Samuel] Richardson's power of creating, and preserving the consistency of his characters [...] gratified the natural discrimination of her mind, whilst her taste secured her from the errors of his prolix style and tedious narrative. She did not rank any work of Fielding quite so high. Without the slightest affectation she recoiled from every thing gross. Neither nature, wit, nor humour, could make her amends for so very low a scale of morals.*⁹ (AUSTEN, 2002, p. 139-140)

Henry Austen tem perfeita ciência de que as obras que ele listaria em seu prefácio como preferidas de Jane Austen teriam impacto direto na imagem que as pessoas fariam de sua irmã. Seguindo uma lógica de que “você é o que você lê”, ele cita diretamente autores consagrados e indica claramente que sua irmã não apreciava Henry Fielding pelos problemas morais em suas histórias. A única menção a respeito de outras mulheres escritoras aparecem apenas como referência de popularidade e importância: Austen “*sent into the world those novels, which by many have been placed on the same shelf as the works of a D'Arblay and an Edgeworth.*”¹⁰ (AUSTEN, 2002, p.137).

Tal exclusão permanece na biografia mais extensa, publicada em 1870 pelo sobrinho-neto de Austen, James Edward Austen-Leigh, intitulada *A Memoir of Jane Austen*. James Edward teve o mesmo cuidado de Henry Austen em listar os autores

⁹ “Seus escritores moralistas preferidos eram Johnson em prosa e Cowper em verso. É difícil dizer em que idade ela não conhecia profundamente os méritos e defeitos dos melhores ensaios e romances de língua inglesa. O poder de criação de Richardson e a preservação da consistência de suas personagens [...] agradavam à discriminação natural de sua mente, enquanto o seu gosto a preservou dos erros de seu estilo prolixo e narrativa tediosa. Ela não valorizava nenhuma obra de Fielding. Sem nenhum tipo de afetação ela recuava frente a qualquer coisa baixa. Nem natureza, espírito ou humor poderia atenuar tão baixa escala de moralidade”.

¹⁰ “[...] enviou ao mundo aqueles romances, os quais por muitas pessoas foram colocados nas mesmas prateleiras que as obras de uma D'Arblay e uma Edgeworth.” “D'Arblay” é o sobrenome de Frances Burney após se casar com o General Alexandre D'Arblay.

que Jane Austen admirava para assegurar uma imagem positiva de sua formação e, por conseguinte, de sua obra:

*She read French with facility, and knew something of Italian. [...] She was well acquainted with the old periodicals from the 'Spectator' downwards. Her knowledge of Richardson's works was such as no one is likely again to acquire [...] Amongst her favourite writers, Johnson in prose, Crabbe in verse, and Cowper in both, stood high. Scott's poetry gave her great pleasure.*¹¹ (AUSTEN-LEIGH, 2002, p. 70)

Encontramos aqui a mesma escolha em nomear autores homens como seus escritores preferidos e, podemos subentender, seus modelos. É importante ressaltar que não temos evidências para afirmar que se trata de uma listagem falsa, que Austen não apreciava os nomes mencionados pelo seu sobrinho; muito pelo contrário, suas cartas estão permeadas por referências a esses autores, de maneira a indicar que tanto ela quanto seus correspondentes eram muito familiarizados com suas obras. Ainda assim, como observa Katie Halsey, trata-se de uma lista segura e com objetivos claros:

*Henry and James Edward [...] are constructing idealized portraits of Jane Austen, to appeal to the taste of their publics. In so doing, they choose to mention, of the extensive array of literature Jane Austen read, the books that function as evidence for the person they say she was.*¹² (HALSEY, 2013, p. 25)

Assim como seu tio fizera em 1817, James Edward menciona apenas outras escritoras mulheres ou para estabelecer uma comparação de popularidade, ou para destacar a reclusão de sua tia da vida pública, urbana e de circuitos literários. Por si só, a insistência em um isolamento de Austen e sua opção por um confinamento no campo nega o que Kathryn Sutherland (2005) chama de “atos de colaboração”, sejam linguísticos, intelectuais ou culturais, os quais moldam as obras literárias e seus textos desde muito cedo, e essa negação, segundo a autora, acabou sendo o aspecto mais importante na visão da obra de Austen como um objeto de estudo hermeticamente selado (p. 270). Contudo, a tentativa da família de transformar o

¹¹ “Ela lia francês com facilidade e sabia um pouco de italiano. [...] Ela estava familiarizada com os antigos periódicos, desde o ‘Spectator’ a seus inferiores. Seu conhecimento das obras de Richardson era tal que provavelmente ninguém nunca vai superá-la. [...] Entre seus escritores preferidos, os mais importantes para ela eram Johnson em prosa, Crabbe em verso e Cowper em ambos. A poesia de Scott também lhe era muito prazerosa”.

¹² “Henry e James Edward [...] estão construindo retratos idealizados de Jane Austen para apelar ao gosto do público. Ao fazer isso, eles escolhem mencionar, da extensa lista do que Jane Austen leu, apenas os livros que funcionavam como evidência da pessoa que eles afirmavam que ela era.”

conjunto da obra de Austen em um passatempo não só impediu por muito tempo a sua existência como uma escritora atenta para a produção literária que a cercava e com a qual ela certamente dialogou, mas, em particular, isolou-a de uma tradição literária feminina na qual ela mesma se inseriu.

O resultado pode ser observado em obras críticas do século XX responsáveis pelo posicionamento de Austen no grande cânone literário inglês. No estudo *The Great Tradition* (1948), de F. R. Leavis, uma institucionalização dos “clássicos ingleses”, Jane Austen surge, na solidão de seu pioneirismo, como o primeiro nome de uma pequena lista que inclui George Eliot, Henry James e Joseph Conrad. Já Ian Watt, em seu *The Rise of the Novel* (1957), enxergaria Austen como a herdeira direta de Samuel Richardson, Henry Fielding e Daniel Defoe, a responsável por combinar seus estilos e criar o romance moderno maduro. Ambos ignoraram ou viram como “menores” escritoras como Penelope Aubin, Aphra Behn, Delarivière Manley e Eliza Haywood, por exemplo, rompendo uma rede de conexões entre essas escritoras da década de 1720 e os “pais fundadores” do romance que, na verdade, seriam seus contemporâneos, no caso de Defoe, ou seus herdeiros, no caso de Richardson e Fielding. Paula R. Backscheider argumenta que:

*[...] the formative decade for the English novel was the 1720s, not the era of Richardson and Fielding, and [...] it was dominated by Penelope Aubin, Daniel Defoe, Eliza Haywood, and a few other novelists, most of whom were women. [...] [T]heir generation developed it [a literary prose fiction], experimented with it, and left these constituting spaces for Mary Collyer, Sarah Fielding, Samuel Richardson, Charlotte Lennox, Henry Fielding, Sarah Scott, and others to recognize as the novel.*¹³ (BACKSCHEIDER, 2002, p. 2)

Essas escritoras, para a crítica literária do pós-Segunda Guerra, não fazem parte do cânone dos autores que “inventaram” o romance moderno. Contudo, insiste Backscheider, “*English prose fiction was dominated by women; this fact is still given recognition too infrequently and the texts seldom treated as more than a rival or counter tradition.*”¹⁴ (BACKSCHEIDER, 2002, p. 4). Um dos resultados desse apagamento é que, apesar de um grande número de romances ter sido escrito por mulheres durante todo o século XVIII, a história do gênero construída no

¹³ “[...] a década formativa do romance inglês foi a de 1720, não a era de Richardson e Fielding, e [...] foi dominada por Penelope Aubin, Daniel Defoe, Eliza Haywood e alguns outros romancistas, a maioria dos quais eram mulheres. [...] Sua geração desenvolveu isso [uma ficção literária em prosa], experimentou com isso e deixou esses espaços constitutivos para Mary Collyer, Sarah Fielding, Samuel Richardson, Charlotte Lennox, Henry Fielding, Sarah Scott e outros para reconhecer como o romance.”

¹⁴ “A prosa de ficção inglesa era dominada por mulheres; esse fato é ainda infrequentemente reconhecido e as obras tratadas mais como uma tradição rival ou uma contratradução.”

século XX, pelo menos até o advento da crítica literária feminista, não as incluiu no centro de sua linha de desenvolvimento, relegando escritoras muito populares, como Frances Burney e Ann Radcliffe, às margens, e consolidando Jane Austen como um “gênio feminino excepcional” – algo que ela mesma nega em *Northanger Abbey*.

Essas escritoras são mencionadas novamente no romance, agora vítimas do desdém masculino. Na passagem abaixo, John Thorpe, que busca conquistar a heroína Catherine Morland apenas quando a supõe uma rica herdeira, não hesita em oferecer suas opiniões sobre romances, reproduzindo as palavras do senso comum parodiadas pelo narrador anteriormente:

“Have you ever read Udolpho, Mr. Thorpe?”

“Udolpho! Oh, Lord! Not I; I never read novels; I have something else to do.”
[...]

“I think you must like Udolpho, if you were to read it; it is so very interesting.”

“Not I, faith! No, if I read any, it shall be Mrs. Radcliffe’s; her novels are amusing enough; they are worth reading; some fun and nature in them.”

“Udolpho was written by Mrs. Radcliffe,” said Catherine, with some hesitation, from the fear of mortifying him.

“No sure; was it? Aye, I remember, so it was; I was thinking of that other stupid book, written by that woman they make such a fuss about, she who married the French emigrant.”

“I suppose you mean Camilla?”

“Yes, that’s the book; such unnatural stuff! An old man playing at see-saw, I took up the first volume once and looked it over; but I soon found it would not do; indeed I guessed what sort of stuff it must be before I saw it: as soon as I heard she had married an emigrant, I was sure I should never be able to get through it.”¹⁵ (AUSTEN, 2006a, p. 43).

¹⁵ “O senhor já leu Udolpho, Mr. Thorpe?!’ / ‘Udolpho! Ó Deus! Eu não, eu nunca leio romances, eu tenho mais o que fazer.’ [...] / ‘Eu acho que o senhor iria gostar de Udolpho, se o lesse, é muito interessante.’ ‘Eu não, eu juro. Não, se eu ler algum, será da Sra. Radcliffe, seus romances são divertidos o suficiente, eles valem a pena, há algo divertido e natural neles.’ / ‘Udolpho foi escrito pela Mrs. Radcliffe’, disse Catherine, hesitando com medo de envergonhá-lo. / ‘Não pode ser, foi? Sim, eu lembro, é mesmo; eu estava pensando sobre aquele outro livro estúpido, escrito por aquela mulher sobre quem falamos tanto, ela que se casou com um imigrante francês.’ / ‘Eu imagino que se refira a Camilla?’ / ‘Sim, esse é o livro, tanta coisa não natural! Um homem idoso brincando de gangorra, eu peguei o primeiro volume uma vez e dei uma olhada, mas logo vi que não serviria, na verdade eu adivinhei que tipo de coisa seria antes de vê-lo: assim que eu ouvi que ela tinha se casado com um imigrante, eu tive certeza de que eu nunca poderia ler tudo.’”

Em uma conversa rápida, Thorpe conseguiu confundir autoras, demonstrar a limitação do seu escopo de leitura e entendimento, contradizer-se, mostrar-se xenofóbico, condescendente e menosprezar o romance *Camilla*, o qual, como vimos, já havia sido defendido dois capítulos antes. Ou seja, após seu rápido manifesto, Austen insere na história um exemplo “prático” daquilo que criticava – agora, na voz de um homem que assume uma posição de superioridade sobre uma mulher. Essa heroína, porém, não necessita de um herói para salvá-la porque a própria fala de Thorpe o condena inequivocamente. Em comparação, quando perguntado por Catherine se lia romances, Henry Tilney tem uma resposta bem diferente: “*The person, be it gentleman or lady, who has not pleasure in a good novel, must be intolerably stupid.*”¹⁶ (AUSTEN, 2006a, p. 95). O adjetivo que Thorpe havia usado para definir *Camilla* e os romances em geral – “estúpido” – se volta contra ele e sua tentativa de humilhar Catherine pelas suas preferências, marcando uma diferença clara entre os dois cavalheiros.

Ainda que o tipo de leitura praticado por Catherine esteja em discussão em *Northanger Abbey*, Austen recusa a visão dos moralistas do período, que diriam que essa heroína deveria parar de ler romances porque eles eram perigosos para mulheres, seres mais influenciáveis ou menos racionais que os homens. Ao contrário, como esses moralistas normalmente indicavam não apreciar esse gênero literário, nós já sabemos qual era a opinião de Austen a seu respeito – e o adjetivo que ela usaria para defini-los.

***Persuasion* e a imagem das mulheres frágeis**

Se *Northanger Abbey* sutilmente nos lembra que escritoras mulheres são parte central da história do romance moderno, ainda que sob ataque, *Persuasion* nos provoca a refletir sobre outros discursos depreciativos a respeito das mulheres dentro (e fora) dos romances. A primeira passagem que destaque traz a oposição e aproximação tecidas entre a heroína Anne Elliot e o personagem secundário Captain Benwick. Ambos compartilham de uma melancolia semelhante por conta de um amor perdido – a dele, pública, pela morte de sua noiva, Fanny Harville; a dela, privada, pelo rompimento de seu noivado com Captain Wentworth, agravada pelo seu retorno à Inglaterra e crescente aproximação com a jovem Louisa Musgrove. No dia em que se conhecem, Anne e Benwick sentam-se juntos, levemente afastados do grupo de seus amigos que conversavam animadamente, e encontram um assunto em comum na poesia:

¹⁶ “A pessoa, seja uma dama ou um cavalheiro, que não tem prazer em um bom romance deve ser intoleravelmente estúpida.”

He was evidently a young man of considerable taste in reading, though principally in poetry; [...] and having talked of poetry, the richness of the present age, and gone through a brief comparison of opinion as to the first-rate poets, trying to ascertain whether Marmion or The Lady of the Lake were to be preferred, and how ranked the Giaour and The Bride of Abydos; and moreover, how the Giaour was to be pronounced, he showed himself so intimately acquainted with all the tenderest songs of the one poet, and all the impassioned descriptions of hopeless agony of the other; he repeated, with such tremulous feeling, the various lines which imaged a broken heart, or a mind destroyed by wretchedness, and looked so entirely as if he meant to be understood, that she ventured to hope he did not always read only poetry, and to say, that she thought it was the misfortune of poetry to be seldom safely enjoyed by those who enjoyed it completely; and that the strong feelings which alone could estimate it truly were the very feelings which ought to taste it but sparingly. His looks shewing him not pained, but pleased with this allusion to his situation, she was emboldened to go on; and feeling in herself the right of seniority of mind, she ventured to recommend a larger allowance of prose in his daily study; and on being requested to particularize, mentioned such works of our best moralists, such collections of the finest letters, such memoirs of characters of worth and suffering, as occurred to her at the moment as calculated to rouse and fortify the mind by the highest precepts, and the strongest examples of moral and religious endurance.¹⁷ (AUSTEN, 2006b, p. 108-109)

Apesar de sua tristeza, Benwick logo se mostra um falante animado sobre esse assunto, cômica e indicadamente pela sucessão de temas abordados por ele, na qual

¹⁷ “Ele era evidentemente um jovem homem com um gosto considerável pela leitura, apesar de principalmente em poesia; [...] e tendo falado sobre poesia, sobre a riqueza do presente período, e efetuado uma breve comparação entre os melhores poetas, tentando determinar se Marmion ou The Lady of the Lake deveria ser preferido, e em que posição colocar Giaour e The Bride of Abydos; e, além disso, como Giaour deveria ser pronunciado, ele se mostrou um conhecedor tão profundo de todos os cantos de um poeta e todas as descrições de agonias desesperançadas de outro; ele repetiu, com instável sentimento, os vários versos que descreviam um coração partido ou uma mente destruída pelo sofrimento, e aparentemente totalmente desejar ser compreendido, que ela arriscou a esperança de que ele não lia apenas poesia, e dizer que ela pensava que o fardo de a poesia ser tão raramente admirada com segurança por aqueles que a admiravam completamente; e que os fortes sentimentos, os quais apenas poderiam verdadeiramente apreciá-la, eram os mesmos que deveriam apenas prová-la com moderação. Sua expressão, mostrando que não ficara triste com essa alusão a seu sofrimento, mas sim contente, encorajou-a a continuar; e sentindo em si mesma o direito pela superioridade de mente, arriscou recomendar uma dose maior de prosa em seu estudo diário e, ao receber o pedido para dar recomendações, mencionou as obras de nossos melhores moralistas, as coleções das melhores cartas, as memórias de tais pessoas de caráter valoroso e de sofrimento que podiam ocorrer a ela no momento de forma calculada para melhorar e fortalecer a mente pelos preceitos mais elevados, e os exemplos mais fortes de resistência moral e religiosa.”

não percebemos a participação de Anne na conversa – a lista soa muito mais como um monólogo. A voz de Anne aparece, contudo, quando ela manifesta sua opinião a respeito do que Benwick lia em geral – não só poesia, certamente? Trata-se de uma passagem interessante que inverte a imagem, comum na época, da mulher como sexo frágil porque muito emotiva e pouco racional. Dos dois, é Benwick que alimenta sua depressão lendo apenas as obras que ecoam seu estado de espírito e seu coração partido. Quando Anne alerta, delicadamente, para o perigo dessa conduta e recomenda uma “dose maior de prosa” ao colega, apoia-se na percepção de ter o direito de aconselhá-lo por conta de sua mente superior e, como observa Halsey, acaba por questionar *“the hierarchy of instruction in which Benwick would have, by virtue of his sex, the right to educate her”*¹⁸ (HALSEY, 2013, p. 45). Contudo, a própria Anne enxerga a ironia em sua lição, pois ela mesma conclui, *“on more serious reflection, that, like many other great moralists and preachers, she had been eloquent on a point in which her own conduct would ill bear examination”*¹⁹ (AUSTEN, 2006b, p. 109). Ainda assim, o leitor reconhece sua experiência em sua fala: sabemos que Anne também teve que, durante oito anos, suportar e viver com um coração partido, portanto é provável que todos os autores e obras que recomenda façam referência ao seu próprio esforço, a tudo que ela leu durante esse longo período para sobreviver dentro de uma casa isolada no campo e dentro de uma família em que não tinha qualquer relevância.

Quando sabe da história triste de Benwick, porém, ela já reflete sobre como a diferença de gênero entre eles certamente produzirá resultados distintos em suas vidas:

*“And yet,” said Anne to herself, as they now moved forward to meet the party, “he has not, perhaps, a more sorrowing heart than I have. I cannot believe his prospects so blighted for ever: He is younger than I am; younger in feeling, if not in fact; younger as a man. He will rally again, and be happy with another.”*²⁰
(AUSTEN, 2006b, p. 104-105)

Nesse momento, Anne não tem esperanças para si mesma. Seu pensamento deixa claro que acredita que **ele** irá superar e ser feliz com outra, mas não ela. A diferença é que Benwick ainda é jovem e, principalmente, um **homem** jovem.

¹⁸ “[...] a hierarquia tradicional de gênero em que Benwick, por conta de seu sexo apenas, teria o direito de educá-la.”

¹⁹ “[...] ao refletir melhor, que, como muitos dos grandes moralistas e pregadores, ela havia sido eloquente em um assunto sobre o qual sua própria conduta mal suportaria um exame cuidadoso.”

²⁰ “‘Mesmo assim’, disse Anne para si mesma, conforme eles seguiam em frente para conhecer o outro grupo, ‘ele não tem, talvez, um coração mais dolorido do que o meu. Eu não posso acreditar que seu futuro esteja arruinado para sempre. Ele é mais jovem do que eu, mais jovem em sentimentos, se não de fato, mais jovem como um homem. Ele vai se recuperar e será feliz com outra’.”

Anne, em comparação, com sua idade de vinte e sete anos, já se aproximava de um limiar nessa sociedade que a decretaria para sempre solteira. Contudo, a diferença principal entre eles não é a idade – mental, no caso –, mas seu gênero, a forma como os papéis diferentes esperados de um homem e de uma mulher poderiam impactar até mesmo a cura para um amor perdido.

Tal oposição fica ainda mais clara em outra passagem, em que Anne conversa com Captain Harville depois de anunciado o noivado de Benwick e Louisa Musgrove – confirmando, assim, a previsão de Anne citada anteriormente:

“Poor Fanny! she would not have forgotten him so soon!”

“No,” replied Anne, in a low, feeling voice. “That I can easily believe.”

“It was not in her nature. She doted on him.”

“It would not be the nature of any woman who truly loved.”

Captain Harville smiled, as much as to say, “Do you claim that for your sex?” and she answered the question, smiling also, “Yes. We certainly do not forget you as soon as you forget us. It is, perhaps, our fate rather than our merit. We cannot help ourselves. We live at home, quiet, confined, and our feelings prey upon us. You are forced on exertion. You have always a profession, pursuits, business of some sort or other, to take you back into the world immediately, and continual occupation and change soon weaken impressions.”

“Granting your assertion that the world does all this so soon for men (which, however, I do not think I shall grant), it does not apply to Benwick. He has not been forced upon any exertion. The peace turned him on shore at the very moment, and he has been living with us, in our little family circle, ever since.”

“True,” said Anne, “very true; I did not recollect; but what shall we say now, Captain Harville? If the change be not from outward circumstances, it must be from within; it must be nature, man’s nature, which has done the business for Captain Benwick.”

“No, no, it is not man’s nature. I will not allow it to be more man’s nature than woman’s to be inconstant and forget those they do love, or have loved. I believe the reverse. I believe in a true analogy between our bodily frames and our mental; and that as our bodies are the strongest, so are our feelings; capable of bearing most rough usage, and riding out the heaviest weather.”

“Your feelings may be the strongest,” replied Anne, “but the same spirit of analogy will authorise me to assert that ours are the most tender. Man is more robust than woman, but he is not longer lived; which exactly explains my view of the nature of their attachments[...].”²¹ (AUSTEN, 2006b, p. 252-254)

²¹ “‘Pobre Fanny! Ela não o teria esquecido tão cedo!’ / ‘Não’, respondeu Anne em uma voz baixa e

É um trecho longo que merece uma leitura atenta. Captain Harville está decepcionado que a irmã tenha sido tão rapidamente esquecida por Benwick e suplantada por Louisa Musgrove. Sua surpresa advém do fato de que ele acredita que os homens têm, por natureza, a capacidade de sentir emoções com mais força, da mesma forma como seus corpos são mais fortes do que o feminino, e capazes de nutrir seus sentimentos por mais tempo, assim como seus corpos também são mais resistentes. Anne, por sua vez, defende as mulheres como mais constantes por dois motivos diferentes – ambos apoiados, implicitamente, em sua experiência individual e em comparação com o que havia observado em Wentworth até então. O primeiro considera os tipos de vidas diferentes de homens e mulheres. Ela aponta para como as mulheres são isoladas em suas casas, sem distrações, vítimas de seus sentimentos, enquanto os homens são forçados a esquecer pelas necessidades de seus negócios, da vida pública ou de sua profissão. O leitor poderá se lembrar de que, capítulos antes, Mrs. Croft, irmã de Wentworth e casada com um almirante, fez uma reflexão semelhante. Tendo passado boa parte de sua vida navegando junto com o marido, ela analisa sua experiência:

*The only time I ever really suffered in body or mind, the only time that I ever fancied myself unwell, or had any ideas of danger, was the winter that I passed by myself at Deal [...]. I lived in perpetual fright at that time, and had all manner of imaginary complaints from not knowing what to do with myself, or when I should hear from him next [...].*²² (AUSTEN, 2006b, p. 76-77)

comovida, ‘Nisso eu posso facilmente acreditar.’ / ‘Não era da natureza dela. Ela o amava muito.’ ‘Não seria da natureza de nenhuma mulher que realmente amou.’ O capitão Harville sorriu, enquanto dizia ‘Declara isso para seu sexo?’ e ela respondeu a questão sorrindo também, ‘Sim. Nós certamente não os esquecemos tão rapidamente quanto vocês nos esquecem. É, talvez, nosso destino e não nosso mérito. Não podemos evitar. Vivemos em casa, quietas, confinadas, e nossos sentimentos nos atacam. Vocês são forçados a agir. Sempre têm uma profissão, objetivos, negócios de um tipo ou outro, para levá-los de volta ao mundo imediatamente, e ocupação contínua e mudança logo enfraquece as impressões.’ / ‘Aceitando sua afirmação de que o mundo faz isso logo para os homens (o que, contudo, eu não acho que vou aceitar de jeito nenhum), não pode ser aplicada ao caso de Benwick. Ele não foi forçado a agir. A paz fez com que voltasse para casa no mesmo momento, e ele tem morado conosco, em nosso pequeno círculo familiar, desde então.’ / ‘Verdade’, disse Anne, ‘é verdade, eu não me lembrei, mas o que devemos dizer agora, Capitão Harville? Se a mudança não vem de circunstâncias externas, deve vir de dentro, deve ser a natureza, a natureza masculina, que fez a mudança em Benwick.’ / ‘Não, não, não é da natureza masculina. Eu não vou permitir que seja parte maior da natureza masculina do que da feminina ser inconstante e esquecer aqueles que eles amam ou já amaram. Eu acredito no oposto. Eu acredito em uma verdadeira analogia entre nossas constituições físicas e mentais, e, como nossos corpos são mais fortes, assim são nossos sentimentos, capazes de tolerar abusos e suportar o clima mais duro.’ / ‘Seus sentimentos podem ser mais fortes’, respondeu Anne, ‘mas o mesmo espírito de analogia vai me autorizar a afirmar que os nossos são mais tenros. O homem é mais robusto do que a mulher, mas ele não vive mais, o que explica exatamente a minha visão sobre a natureza de seus sentimentos’.”

²² “A única vez em que eu realmente sofri de corpo ou mente, a única vez em que me imaginei

Mrs. Croft, assim, refuta a visão de Wentworth de que mulheres, por sua fragilidade, não deveriam estar em navios da marinha junto com os homens, insistindo que ela sempre esteve confortável em diferentes embarcações e que a única vez em que esteve doente, de corpo e mente, foi quando permaneceu sozinha em casa. O primeiro argumento de Anne, portanto, parece retomar a opinião de Mrs. Croft, ao mesmo tempo em que, fazendo isso, também questiona a dita fragilidade feminina. Mrs. Croft suportou muitos climas duros e afirma, ao contrário, que não gostava de ver as mulheres mencionadas apenas como “*fine ladies, instead of rational creatures. We none of us expect to be in smooth water all our days*”²³ (AUSTEN, 2006b, p. 75).

Contudo, o segundo argumento de Anne é a própria delicadeza feminina, que faz com que elas vivam mais tempo que os homens, ainda que estes sejam mais fortes, da mesma forma como seus sentimentos também subsistem por mais tempo: são menos explosivos, mas ardem de forma mais duradoura. Em jogo, então, estão as contradições presentes nas expectativas e concepções da sociedade a respeito de cada gênero, imbuídas também nas trajetórias das personagens. Às mulheres, exatamente porque são consideradas mais frágeis, cabe a proteção do lar, mas que acaba por torná-las presas fáceis para suas emoções, como foi o caso particular de Anne. Ao mesmo tempo, se retomarmos a comparação do sofrimento de Anne e Benwick, ela certamente demonstrou muito mais resiliência e ele, muito mais intensidade, o que poderia confirmar o argumento de Harville. Porém, como os sentimentos de Benwick foram logo alterados, Anne parece estar correta novamente.

Em seguida, Harville faz um apelo à literatura como prova de sua opinião, lembrando que todas as histórias – das quais ele não é capaz de citar exemplos, o que torna seu argumento genérico – trazem exemplos da inconstância dos sentimentos das mulheres, mas ele mesmo antevê a objeção de Anne, observando que tais histórias foram todas escritas por homens:

“[...] But let me observe that all histories are against you--all stories, prose and verse. If I had such a memory as Benwick, I could bring you fifty quotations in a moment on my side the argument, and I do not think I ever opened a book in my life which had not something to say upon woman's inconstancy. Songs and proverbs, all talk of woman's fickleness. But perhaps you will say, these were all written by men.”

doente, ou tinha qualquer ideia de perigo, foi durante o inverno que passei sozinha em Deal [...]. Eu vivia constantemente alarmada naquela época e tinha todos os tipos de reclamações imaginárias por não saber o que fazer comigo mesma, ou quando eu receberia notícias dele.”

²³ “Damas refinadas em vez de criaturas racionais. Nenhuma de nós espera estar em águas calmas todos os nossos dias.”

“Perhaps I shall. Yes, yes, if you please, no reference to examples in books. Men have had every advantage of us in telling their own story. Education has been theirs in so much higher a degree; the pen has been in their hands. I will not allow books to prove anything.”

[...]“I believe you capable of everything great and good in your married lives. I believe you equal to every important exertion, and to every domestic forbearance, so long as--if I may be allowed the expression--so long as you have an object. I mean while the woman you love lives, and lives for you. All the privilege I claim for my own sex (it is not a very enviable one; you need not covet it), is that of loving longest, when existence or when hope is gone.”²⁴ (AUSTEN, 2006b, p. 254-256)

De fato, Anne recusa como evidência qualquer referência sobre mulheres na literatura porque, afinal, a pena nunca esteve, com frequência similar, nas mãos delas, e sim nas mãos dos homens, da mesma forma como elas nunca receberam a mesma educação que eles, nem mesmo as mulheres ricas. Harville também afirma nunca ter aberto um livro em sua vida que não falasse alguma coisa sobre a volubilidade das mulheres, porém fomos informados, muitos capítulos antes, que *“Captain Harville was no reader; but he had contrived excellent accommodations, and fashioned very pretty shelves, for a tolerable collection of well-bound volumes, the property of Captain Benwick”²⁵* (AUSTEN, 2006b, p. 106). Os únicos livros presentes em sua casa pertencem a Benwick e provavelmente nunca foram lidos por Harville porque, em sua lista de ocupações, o narrador traz apenas atividades manuais, como a construção das bonitas prateleiras.

²⁴ “Mas deixe-me observar para você que todas as histórias estão contra vocês – todas as histórias, em prosa e verso. Se eu tivesse uma memória como a de Benwick, eu poderia trazer cinquenta citações em um instante para o meu lado do argumento, e eu não acho que jamais abri um livro na minha vida em que não tinha alguma coisa a respeito da inconstância feminina. Canções e provérbios, todos falam da volubilidade da mulher. Mas talvez você dirá que elas foram todas escritas por homens.’/ ‘Talvez eu deva. Sim, sim, por favor, sem referências a exemplos em livros. Os homens sempre tiveram todas as vantagens sobre nós para contar sua própria história. A educação foi deles em um grau tão mais elevado, a pena esteve em suas mãos. Eu não vou permitir que livros provem coisa alguma.’ [...] ‘Eu acredito que vocês são capazes de tudo de grandioso e bondoso em suas vidas de casado. Eu acredito que são capazes de todos os esforços importantes, e toda a tolerância doméstica, desde que – se me permite a expressão – desde que vocês tenham um objeto. Eu quero dizer, enquanto a mulher que amam vive, e vive para vocês. Todo o privilégio que eu reivindico para o meu sexo (não é nada invejável, não precisa desejá-lo) é o de amar por mais tempo quando a existência ou quando a esperança acabou.’”

²⁵ “O Capitão Harville não era nenhum leitor, mas ele tinha conseguido produzir excelentes acomodações e construir prateleiras muito bonitas para uma coleção tolerável de volumes bem-encadernados, de propriedade do Capitão Benwick.”

O mais interessante a respeito dessa passagem, contudo, são suas referências metalinguísticas que provocam o leitor. Harville diz que nunca leu nenhum livro que falasse sobre a constância do sentimento feminino, porém é personagem em uma história que se apoia exatamente sobre esse tema; Anne diz que a pena sempre esteve nas mãos de homens e por isso não pode admitir essas histórias como provas, mas é a heroína de um romance produzido por uma mulher que poderia ser utilizado como exemplo em discussão semelhante por uma leitora real. O próprio romance *Persuasion*, portanto, parece ser um participante do debate e torna a questão ainda mais difícil de ser respondida quando traz, logo depois, a carta-declaração de Captain Wentworth a Anne, em que ele afirma: “*Dare not say that man forgets sooner than woman, that his love has an earlier death. I have loved none but you. Unjust I may have been, weak and resentful I have been, but never inconstant*”²⁶ (AUSTEN, 2006b, p. 258). Como ambos, Anne e Wentworth, uma mulher e um homem, a primeira isolada em casa, o segundo ativo na marinha em tempo de guerra, mantiveram-se constantes em seu amor um pelo outro durante o exato mesmo período, parece que a discussão não deve ser apoiada em uma diferença de gênero, mas em indivíduos. Ainda assim, para se chegar a essa conclusão, o romance precisou desconstruir uma imagem negativa a respeito das **mulheres**, mobilizada como argumento por um homem para tentar entender a inconstância de outro homem.

Considerações finais

Para além do debate persistente a respeito do posicionamento político de Jane Austen, se liberal ou conservadora, se profeminista ou radical, é impossível negar que as mulheres, fictícias e reais, estão no centro de sua produção literária. A crítica trazida pelos estudos feministas foi essencial às interpretações das suas obras, que contrariavam uma imagem muito aceita durante a primeira metade do século XX de que seus romances reforçavam a moral conservadora da época e podiam ser lidos como manuais de conduta na ficção. Por exemplo, Sandra Gilbert e Susan Gubar argumentaram, na grande obra de referência *The Madwoman in the Attic* (1979), que aqueles que condenavam Austen por uma aparente anuência aos limites impostos pela sua sociedade não estavam conseguindo enxergar um traço subversivo constante em suas histórias, pois, na verdade, “*it is shocking how persistently Austen demonstrates her discomfort with her cultural inheritance, specifically her dissatisfaction with the tight place assigned women in patriarchy*”²⁷

²⁶ “Não se atreva a dizer que o homem esquece mais rápido do que a mulher, que seu amor morre mais cedo. Eu não amei ninguém a não ser você. Injusto posso ter sido, fraco e rancoroso eu fui, mas nunca inconstante.”

²⁷ “[...] é surpreendente a insistência com que Austen demonstra o seu desconforto com a sua

(GILBERT; GUBAR, 2000, p. 112). Esse desconforto aparece claramente nos dois romances analisados aqui: no seu alinhamento, em *Northanger Abbey*, com outras mulheres escritoras e na defesa de sua arte e no seu questionamento, em *Persuasion*, de imagens estereotipadas que circulavam a respeito das mulheres na literatura do período. A publicação justaposta desses dois romances, a qual não foi preparada por Austen, acaba provocando sua leitura em paralelo, mesmo tendo sido escritos com um intervalo de quase vinte anos entre eles. O resultado é que podemos perceber que, desde seus primeiros esforços como romancista até quando já uma escritora publicada, Austen manteve uma constante temática de defesa das mulheres.

Todavia, defesa não deve ser confundida com idealização. As heroínas desses dois romances não são perfeitas. Catherine Morland é sim uma leitora inocente de romances góticos, mas seu principal erro foi o de usar da linguagem da ficção para expressar seu próprio desconforto com uma figura masculina autoritária muito real. Já Anne Elliot carregou consigo o peso do arrependimento de uma decisão no passado que estava associado à ideia de dever e, por consequência, aquiescência automática, algo esperado das mulheres. Em ambos os casos – na verdade, em toda a obra de Austen –, os erros e as falhas muito evidentes de suas heroínas não foram tratados com a vingança moralizante de muitos romances do mesmo período. Ao contrário, e, apesar dos comentários irônicos do narrador e das lições necessárias para seu amadurecimento, as protagonistas parecem gozar do apoio incondicional de sua criadora. O que me faz lembrar das palavras de Austen escritas em uma carta de 16 de fevereiro de 1813 à amiga Martha Lloyd. Ela menciona os escândalos que envolviam casos de infidelidade a respeito do relacionamento do Príncipe de Gales e sua esposa, Caroline de Brunswick-Wolfenbüttel. Austen declara, apesar da questionável moralidade da princesa: “*Poor woman, I shall support her as long as I can, because she is a Woman [...]*”²⁸ (AUSTEN, 2014, p. 216-217).

BIAJOLI, M. C. P. I shall support her (them) as long as I can: Jane Austen’s posthumous defense of women. *Itinerários*, Araraquara, n. 54, p. 15-32, jan./jun. 2022.

■ **ABSTRACT:** *This essay analyzes selected excerpts from the novels Northanger Abbey and Persuasion, written by the English author Jane Austen and published in a combined edition after her death in 1817, to assess the same topic, the defense of women. In the first novel, Austen purposefully inserts herself into a literary tradition of women writers while carrying on her famous defense of the novel. However, her alignment is*

herança cultural, especificamente a sua insatisfação com o pequeno lugar atribuído às mulheres no patriarcado.”

²⁸ “Pobre mulher, eu vou apoiá-la por quanto tempo puder, porque ela é uma mulher.”

immediately erased in the biographical note composed by her brother Henry Austen to accompany the edition, an erasure later reinforced with the biography written by her nephew James Edward Austen-Leigh in 1870, both having a strong impact on the literary criticism of Austen's work until the rise of feminist studies. In the second novel, Austen produces a comparison between her heroine, Anne Elliot, and the character of Captain Benwick to question the current conception of women as more physically and emotionally fragile than men and, therefore, more inconstant. We demonstrate, then, that the juxtaposition of two novels, written with a large interval of time between them, ends up illuminating a constant in Austen's work: that women are at its center, despite their mistakes.

■ **KEYWORDS:** *Defense. Jane Austen. Northanger Abbey. Persuasion. Women.*

REFERÊNCIAS

AUSTEN, H. Bibliographical Notice of the Author. *In:* SUTHERLAND, K. (ed.). **A Memoir of Jane Austen.** And Other Family Recollections. Oxford World's Classics. New York: Oxford University Press, 2002. p. 135-143.

AUSTEN, J. **Jane Austen's Letters.** Ed. Deirdre Le Faye. 4. ed. Oxford: Oxford University Press, 2014.

AUSTEN, J. **Northanger Abbey.** Ed. Barbara Benedict e Deirdre Le Faye. Cambridge: Cambridge University Press, 2006a.

AUSTEN, J. **Persuasion.** Ed. Janet Todd e Antje Blank. Cambridge: Cambridge University Press, 2006b.

AUSTEN-LEIGH, J. E. A memoir of Jane Austen. *In:* SUTHERLAND, K. (ed.). **A Memoir of Jane Austen.** And Other Family Recollections. Oxford World's Classics. New York: Oxford University Press, 2002. p.1-134.

BACKSCHEIDER, P. R. The Novel's Gendered Space. *In:* BACKSCHEIDER, P. R. (org.) **Revising Women.** Eighteenth-Century 'Women's Fiction' and Social Engagement. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002. p.1-30.

BROWNSTEIN, R. M. **Becoming a Heroine.** Reading About Women in Novels. New York: Columbia University Press, 1994.

GILBERT, S. M.; GUBAR, S. **The Madwoman in the Attic:** the Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination USA. New Haven: Yale University Press, 2000.

HALSEY, K. **Jane Austen and her Readers, 1786-1945.** London: Anthem Press, 2013.

LEAVIS, F. R. **The Great Tradition.** George Eliot, Henry James, Joseph Conrad. Londres: Faber and Faber, 2011. (ebook)

SUTHERLAND, K. **Jane Austen's Textual Lives**: From Aeschylus to Bollywood. Oxford: Oxford University Press, 2005.

WATT, I. **A Ascensão do Romance**. Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia de Bolso, 2019.

